

A CAIXA DE PEPI: ENTRE HISTÓRIA, FICÇÃO E ARTE

Luise Weiss – UNICAMP/ FASM

RESUMO

No presente ensaio, retomo uma parte do meu doutorado, realizado em 1998 na ECA-USP, sob a orientação do Prof. Evandro Carlos Jardim. O título, “Retratos Familiares: in Memoriam”, já continha inquietações e questões pertinentes à reflexão atual. O vídeo “Pepi” surgiu 2 ou 3 anos após o doutorado, reunindo imagens e fotografias coletadas. Retomo à questão fundamental: Quem era Pepi? Como poderei saber quais são os limiares entre os documentos resgatados, as cartas, e as fotografias? História, ficção, arte, como separá-los?

Entretanto, quando tomei conhecimento da carta que relata a trajetória do soldado Pepi (seu nome era Joseph Maier, falecido em Champagne, no dia 25 de outubro de 1915, aos 24 anos de idade), ao encontrar uma fotografia dele trajando uniforme de guerra, finalmente me deparei com uma caixa com três tocos de cigarro, então tornei-me cúmplice de uma história que necessitava ser relatada artisticamente.

Palavras-chave: Artes Visuais, Memória, Fotografia, Carta, Narrativas Visuais, Vídeo

ABSTRACT

In this essay, I return a part of my PhD, conducted in 1998 at ECA-USP, under the guidance of Prof. Evandro Carlos Jardim. The title, "Family Portraits: in memoriam," already contained concerns and issues relevant to the current reflection. The video "Pepi" appeared two or three years after the doctorate, gathering images and photographs collected. I return to the fundamental question: Who was Pepi? How do I know what are the thresholds between the retrieved documents, letters, and photographs? History, fiction, art, how to separate them?

However when I learned about the letter that tells the history of the soldier Pepi (his name was Joseph Maier, who died in Champagne, on October 25th, 1915, at 24 years old), when I found a picture of him wearing uniform of war, I finally come across a box with three cigarette butts, so I became an accomplice of a story that needed to be reported artistically.

Key words: Visual Arts, Memory, History, Fiction, Visual Narratives, Video



fig.1 cartão de óbito de Pepi, 1915



fig.2 a caixa de Pepi

I. A história de Pepi (Joseph Maier): o resgate de fragmentos

O que é a morte de um homem? Com ele morre um rosto que não se repetirá jamais – como observou Plínio. Cada homem tem um rosto que é único; com ele morrem milhares de circunstâncias, milhares de lembranças; morrem lembrando da infância e morrem traços humanos, demasiados humanos. (BORGES, 1983, p.131)

Algo que não vivi mas também que não posso esquecer. Uma “memória” que se torna uma necessidade de conhecer. Preciso conhecer esse algo que habita em mim e que vem desse território em mim onde se encontra uma “memória” do não-vivido, por mais estranho que isso possa parecer. (LANDA, 2006, p.6)

Da história do soldado Joseph Maier (Pepi), existiam apenas alguns dados: uma carta escrita com lápis datada de 20/11/1915, duas ou três fotografias familiares, e posteriormente três tocos de cigarros guardados numa caixa de papelão estampada. Pepi, um tio-avô, irmão-gêmeo de Franz Maier, era o irmão da minha avó paterna. A existência dele era até então desconhecida para mim quando, procurando numa pasta de documentos, encontrei a carta de um oficial do exército alemão direcionada ao meu tio-avô Franz Maier, descrevendo os últimos dias do soldado Pepi, na região de Champagne, França. Pela descrição da carta percebe-se ainda a existência dos códigos de guerra, que ainda existiam ou se estavam se extinguindo, como diz o trecho seguinte:

A companhia lamenta, além, do seu irmão, o tenente Bauern e o cabo Stahl, que tiveram o mesmo destino. Estou convencido que o inimigo tem o mesmo procedimento honroso com os mortos, como nós mesmos o temos. Também acho que num lugar onde morreram tantos heróis, terminada a guerra, seja vasculhando o local exato onde os entes queridos estão enterrados. (trecho da carta)

Sabe-se que, na passagem da 1ª para a 2ª Guerra Mundial ocorreram mudanças fundamentais: os uniformes foram simplificados, as armas se tornaram mais mortíferas, mudando as regras de combate, sendo que as fotografias testemunharam essas mudanças; mostrando paisagens de destroços e ruínas.

Com o auxílio do meu irmão consegui localizar uma pequena caixa com flores estampadas, contendo três tocos de cigarro, sob um vidro protetor e um pequeno recorte de papel com a inscrição “Peças do Pepi”.

A ironia é que o que sobreviveu é feito de papel, a carta, a caixa com os tocos de cigarro, as poucas fotografias..., fragilidades, e no entanto, quase 100 anos após, chegam até nós.



fig.3 a caixa de Pepi

O destino de Pepi, assim como o de outros milhares de soldados de guerra, passou do individual para o coletivo. Afinal, o destino do soldado Pepi fundia-se com o de outros soldados, cujas vidas a guerra abreviou.

Permaneceu o desafio: o que fazer com este material? A vontade de conhecer melhor a história não anula o desafio maior que era o de transformar todo este material em arte. E como expressar os horrores de um campo de batalha, a dor de uma granada explodindo, a morte iminente, em arte?

Na realidade, saber quem era Pepi pouco interessava, pois ele continuava um desconhecido; porém, ao vasculhar os documentos, as fotografias, surgem imagens, e sentimentos misturados com a ilusão de conhecer um pouco melhor aquele personagem Pepi. Mas como bem diz Peter Burke em *Testemunha Ocular*: “Em que medida e de que forma as imagens oferecem evidência confiável ao passado?”.

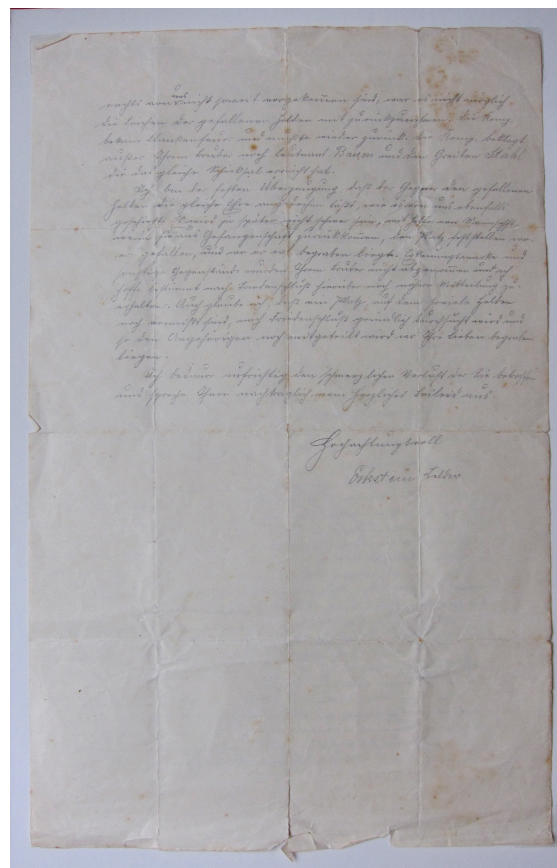
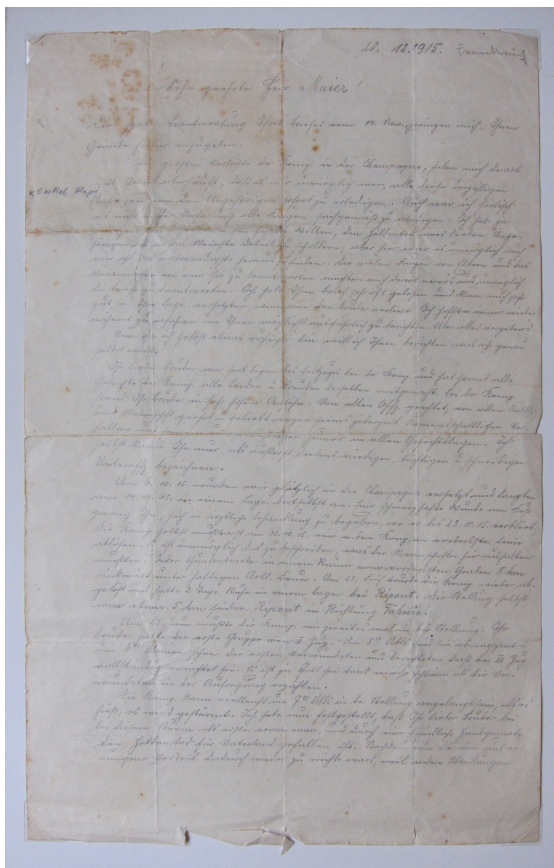


fig.4 a carta

20.11.1915

Prezado Sr. Maier,

O atraso em responder a sua carta de 14 de novembro me força a lhe dar o motivo.

As grandes perdas da Companhia na Champagne, me sobrecarregaram de trabalho, tornando impossível responder imediatamente a tantas perguntas de familiares. Também, muitas vezes não estava moralmente em condições de responder a todas. Eu sempre tive a determinação e a vontade de explicar a morte heróica de nossos compatriotas, nos mínimos detalhes, mas aqui é, às vezes, impossível de se conseguir as informações mais básicas.

As muitas perguntas dos pais e a impossibilidade de respondê-las, me deixavam muito nervoso para escrever essas cartas.

Muitas vezes eu lia a sua carta e podia muito bem entender a situação da perda do seu irmão. Eu esperava sempre conseguir algo mais exato para informar-lhe, mas tudo em vão! Após estar mais calmo, quero informar-

lhe tudo que eu mesmo soube. Seu querido irmão esteve desde o início da batalha na companhia e assim participou de toda a ação, sofrimento e alegrias da mesma.

Na companhia seu irmão era honrado. Reconhecido pelos oficiais e estimado pelos suboficiais e soldados pela sua maneira humana de se relacionar com todos; além de manter o bom humor em todas as situações. Eu mesmo o conheci como um suboficial bondoso e muito eficiente.

No dia 06.10.15 fomos transferidos para a Champagne e chegamos lá num acampamento no dia 14.10! Uma ferida muito dolorosa no pé, o forçou a se submeter a um tratamento médico, até o dia 23.10. No dia 22.10 a companhia teve que substituir uma outra companhia na frente de batalha.

É impossível descrever o que o batalhão teve que suportar. Todo m², desde a trincheira mais adiantada até 5 km para trás, estava sob forte fogo de artilharia. Na manhã do dia 23 a companhia foi novamente substituída e tiveram dois dias de descanso num acampamento em Ripont. A frente de batalha em si ficava a 5 km ao sul de Ripont na direção de Tahüre.

No dia 25.10 a companhia teve que entrar em ação novamente. O seu irmão esteve no primeiro grupo da primeira linha. No dia 5.11 iniciamos marcha e no dia 6.11 voltaram os primeiros feridos e informaram que a terceira ala teria sido totalmente exterminada. Graças a Deus as coisas nunca são tão graves quanto os feridos, em seu nervosismo contam. A companhia talvez tenha se posicionado às 7 horas da noite, quando a mandaram atacar.

Eu mesmo presenciei que seu querido irmão foi o primeiro da frente, e uma granada inimiga causou sua morte heróica pela pátria.

Após termos perdido o terreno conquistado, porque a divisão a nossa direita não conseguia avançar, não foi possível levar os corpos dos falecidos conosco. A companhia estava sob fogo lateral e teve que recuar. A companhia lamenta, além, do seu irmão, o tenente Bauern e o cabo Stahl, que tiveram o mesmo destino. Estou convencido que o inimigo tem o mesmo procedimento honroso com os mortos, como nós mesmos o temos. Também acho que num lugar onde morreram tantos

heróis, terminada a guerra, seja vasculhando o local exato onde os entes queridos estão enterrados.

Lastimo a dolorosa perda que a afligiu e transmito-lhe condolências.

Atenciosamente,

Erkerstein Felder

II. Entre história, ficção e arte: considerações

(...) a busca do passado, porém, nunca o reencontra de modo inteiriço, porque todo ato de recordar transfigura as coisas vividas (...). Naturalmente, o que retorna não é o passado propriamente dito, mas suas imagens gravadas na memória e ativadas por ela num determinado presente. (AGUIAR, 1997, p.25)

Gravar e arquivar o nosso passado parece-nos hoje algo de muito necessário, tão indispensável como catalogar cada momento da nossa experiência, fotografando as imagens colhidas durante as viagens (...). (COLOMBO, 1991, p.19)

Como o interesse maior, na época do doutorado, era o retrato, surgiu uma pintura do soldado Pepi, além de um livro-objeto em forma de sanfona, chamado “Quid tu hominis? – Quem é você, homem?”. Na pintura, na monotipia, na fotomontagem, cada imagem se originava de um novo olhar para a fotografia. Quem foi Pepi? Responder ou não esta pergunta tornara-se vital, e ao mesmo tempo desnecessária. Lendo a carta, observando as fotografias, eu me tornei uma testemunha de um acontecimento que expõe a fragilidade humana.



fig.5 e 6 a pintura e o livro-objeto

Como não sou historiadora, as investigações teriam um limite próprio: não é possível saber tudo sobre a história de Pepi, na Primeira Guerra Mundial, apenas alguns fragmentos vieram até mim, tornando-se um pedaço de uma história maior.

Surgiram diversos trabalhos visuais a partir da fotografia de Pepi, um dos quais destaco é um livro-objeto, montado em forma de sanfona, que segue a narrativa da carta; a marcha (uma primeira parte), as lutas, as batalhas e as mortes (no final).

A sequência da marcha foi extraída de um livro pertencente ao meu bisavô materno com imagens de fotógrafos alemães da Primeira Guerra Mundial. Ao montar o livro, sem sabê-lo, estava montando o roteiro do vídeo, que surgiria três anos depois.

No entanto, a história deixa documentos, registros que foram testemunhos de acontecimentos. Não sendo historiadora, porém interessam-me os objetos-arquivos, ler os documentos, as cartas, ver os cartões-postais, como pequenos objetos, testemunhos de um cotidiano comum, de pessoas simples. Sendo estes

cuidadosamente arquivados há tempos e tendo vindo da Europa para o Brasil, posso perceber o cuidado em anotar acontecimentos, deixar registros, cuidar da memória dos entes queridos falecidos; uma preocupação concernente ao ser humano de todas as épocas.

É neste ponto que a história particular se funde com a coletiva, e transpassa o tempo passado até o presente, pois as guerras continuam existindo e as pessoas continuam perdendo suas vidas nessas mesmas guerras e conflitos.

Marchas inúteis continuam existindo, pessoas continuam sendo enviadas para campos de batalha, cujo sentido não é compreendido, é simplesmente obedecido. Diversos artistas, que vivenciaram os períodos da Primeira e Segunda Guerra Mundial, deixaram testemunhos nos escritos, nos desenhos, nas esculturas e gravuras, como por exemplo, Otto Dix, George Grosz, August Macke, Walter Benjamin, Franz Mark, Käthe Kollwitz e tantos outros. No meu caso particular, eu nasci no pós-guerra dos anos 50, portanto, não tenho a memória direta das guerras, sendo da segunda geração. Porém, guardo na memória vagamente comentários, músicas, fotografias. Quando decidi realizar um trabalho artístico a partir da caixa de Pepi, com os tocos de cigarro, tive que me aprofundar nas imagens e nos relatos. Aproximar-me, criar um diálogo “imaginário” com o soldado Pepi, tocar nessa ferida e resgatá-la, dentro das minhas limitações, e dentro das minhas possibilidades, como artista e como ser humano, ciente da fragilidade da existência humana.

III. O vídeo: narrativas visuais

É que as imagens são também fragmentos da memória, ela sim encarregada de compor uma coerência entre a experiência histórica e o discurso ficcional¹.

(A destruição calculada. João Alexandre Barbosa. Folha de São Paulo, 12 de maio de 2002)

O que percebemos do tempo são instantes que se sucedem como pontos sobre uma linha imaginária (...). Reconstituímos depois o tempo e o

movimento relacionando esses pontos e essas posições. (NOVAES, 1992, p.143)

O vídeo “A caixa de Pepi” foi realizado em 2001, com a assessoria técnica do videomaker Sérgio Roizenblit. Na ocasião, com a coordenação de Ricardo Robenboim, foi planejada uma exposição coletiva no Instituto Brasil-Alemanha, em Berlim. Seguimos o roteiro do livro-objeto, tendo como eixo central a leitura da carta, que foi sobreposta às sequências fotográficas. Sobreposições e justaposições entrelaçam-se, acompanhando a leitura da carta. O recurso do *stop motion* cria a sensação de movimento onde não há. As imagens retiradas do livro “Weltkrieg im Bilde” seguem igualmente o roteiro do livro-objeto e da carta. Na realidade, o projeto do vídeo já estava embutido no livro-objeto: uma leitura visual que sugere movimento, uma marcha de soldados em direção ao incerto.

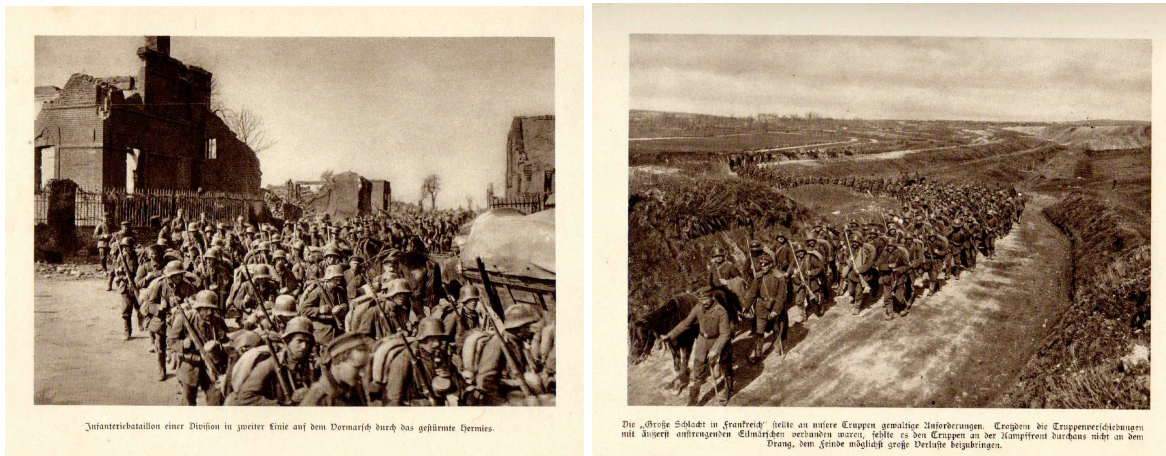


fig.7 e 8 fotografias da época da Primeira Guerra Mundial

O resultado foi um vídeo que mantém um aspecto documental, trazido pelas fotografias e pela carta lida pausadamente. Nas cenas filmadas, imagens do passado ganham movimento. A pequena caixa com flores estampadas, contendo os três tocos de cigarro e um bilhete com escrito à mão, torna-se o elemento de ficção, tão delicado e frágil, sobressaindo-se à violência das imagens que exhibe a abertura da caixa florida, urna do irmão falecido... silêncio!!

A trilha sonora foi extraída de um disco alemão, uma coletânea de canções de andarilhos, de épocas passadas. Uma das canções relata o desejo de

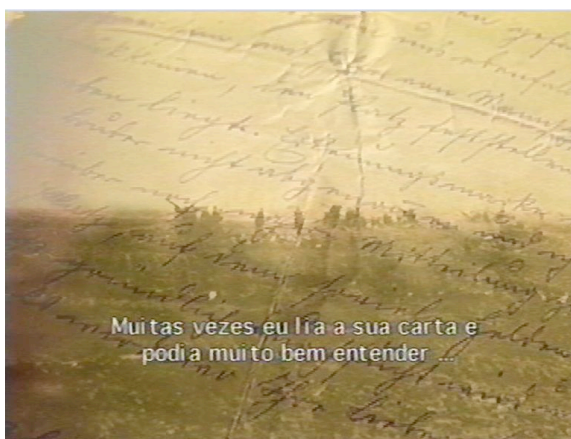
permanecer, porém o carro gira, anda..é impossível ficar. É a metáfora do tempo que flui, o qual não se consegue segurar.

Contar histórias, criar enredos, é inerente ao ser humano. Quando, porém, apenas alguns fragmentos surgem, como realizar esta reconstrução sem criar alterações? Sem que os nossos sentimentos e a nossa visão particular interfiram? Até que ponto as fantasias que criamos mesclam-se aos dados concretos? Walter Benjamin relata sobre esta questão:

Ora, é no momento da morte que o saber e a sabedoria do homem e sobretudo sua existência vivida – e, é dessa substância que são feitas as histórias – assumem pela primeira vez uma forma transmissível.”
(BENJAMIN, 1994, p.207)

A morte é a sanção de tudo o que o narrador pode contar. É da morte que ele deriva sua autoridade. Em outras palavras: suas histórias remetem à história natural. (BENJAMIN, 1994, p.208)

A sequência de imagens fotográficas sobrepõe-se às leituras das cartas, criando dois tempos simultaneamente: primeiro a do narrador da carta e depois, o tempo das fotografias, ambos no passado, porém trazidos ao tempo presente.



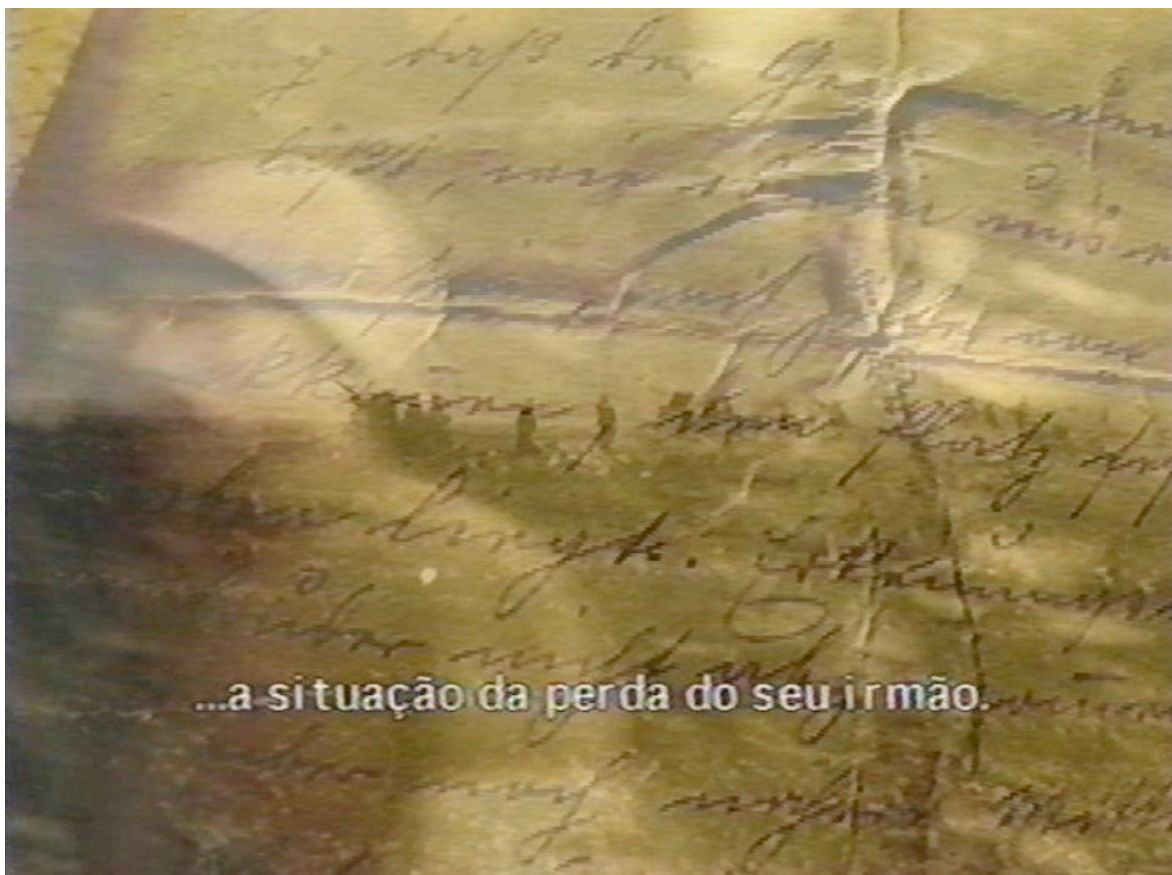


fig.9, 10 e 11 frames do video

IV. Considerações finais

A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia. (LE GOFF, 1996, p.476)

Esquecer o passado é negar toda efetiva experiência de vida; negar o futuro é abolir a possibilidade do novo a cada instante. (NOVAES, 19902, p.9)

O vídeo contém uma narrativa; início, meio e fim. Está intimamente ligado à construção do livro-objeto, igualmente vinculado à leitura da carta. Talvez esta tenha sido uma limitação do trabalho, manter-se fiel à leitura do texto, uma exigência da narrativa escrita e visual. Por outro lado, a carta escrita contém uma narrativa dos últimos dias do soldado Pepi, a redescoberta de sua história, passados 97 anos, onde já a fragilidade do papel se impõe, a caixa de papelão

com os três tocos de cigarro, a carta escrita a lápis, a fotografia. Observando novamente a fotografia de Pepi junto ao seu irmão, vejo o rosto de um jovem, talvez orgulhoso dos seus trajes de soldado..teria tido um receio? Ou um prenúncio do destino fatal? Como não relatar uma profunda comoção ao segurar a caixinha-urna florida com os três tocos de cigarro na minha mão? O vídeo, uma homenagem, não apenas ao Pepi, mas a todos que estavam lá. Assim, poderia fechar o texto dizendo, segundo Borges, no livro “Sete Noites”:

Por estarmos acostumados com a vida sucessiva, damos forma narrativa a nossos sonhos, que na verdade foi múltiplo e simultâneo (...). Através do sonho, cada homem vive uma pequena eternidade pessoal que lhe permite ver seu passado próximo e seu futuro imediato. (BORGES, 1983, P. 49)

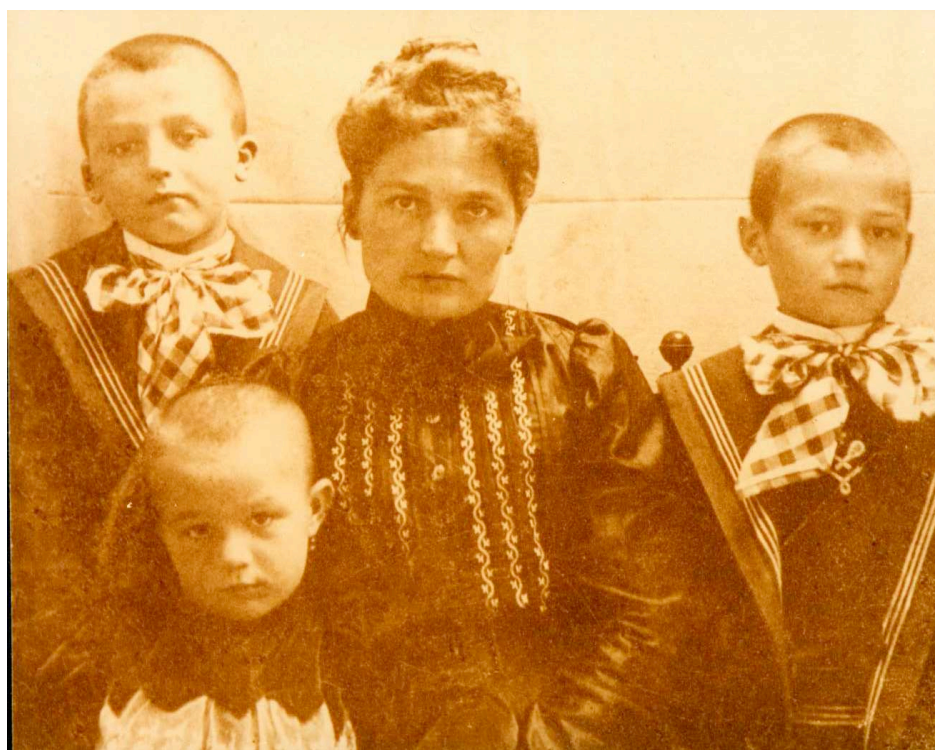


fig.12 fotografia da família de Pepi

Bibliografia

AGUIAR, Joaquim Alves de. *Espaços da memória*. São Paulo: EDUSP, 1997

- BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas. Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994
- BORGES, Jorge Luís. *Sete noites*. São Paulo: Editora Max Limonad Ltda., 1983
- BURKE, Peter. *Testemunha ocular*. Bauru: Editora EDUSC, 2004
- COLOMBO, Fausto. *Os arquivos imperfeitos*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1991
- DILLON, Brian. *Ruins, Documents of Contemporary Art*. London: Whitechapel Gallery Ventures Limited, 2011
- DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico*. Campinas: Editora Papirus, 1993
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*. Rio de Janeiro: Imago, 1997
- HUYSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000
- KOSSOY, Boris. *Realidades e Ficções na trama fotográfica*. São Paulo: Ateliê editorial, 1999
- LANDA, Fábio. *O divã, depois de um século e meio de Freud*. São Paulo: Revista 18, ano IV, n. 15, março/abril 2006
- LE GOOF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora UNICAMP, 1996
- LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio*. São Paulo: Editorial Boitempo, 2005
- NOVAES, Adauto (org.). *Tempo e Memória*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992
- O direito à memória*. Patrimônio Histórico e Cidadania. Departamento do Patrimônio Histórico/DPH. São Paulo, 1991

WEISS, Luise. *Retratos Familiares - In Memoriam*. Tese (Doutorado em Poéticas Visuais). Orientador: Evandro Carlos Jardim. São Paulo: Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, 1998.

LUISE WEISS

É artista plástica e professora. Leciona disciplinas na linguagem gráfica - desenho, gravura e fotografia - na graduação e pós-graduação da Universidade de Campinas (UNICAMP) e na Faculdade Santa Marcelina (ASM/FASM). Coordena o GP Identidade e Ausência: aproximações da imagem fotográfica como veículo de identidade ASM/FASM. É livre docente em Poéticas Visuais pela Universidade de Campinas (UNICAMP) com a tese *Saga: uma trajetória...* Já participou de diversas exposições no Brasil e no exterior. Sua última exposição individual foi no MASP em 2010.

<http://lattes.cnpq.br/2487237766025926>